

---

ANTWEILER, Christoph. *Inclusive humanism: anthropological basics for a realistic cosmopolitanism*. Göttingen: V&R unipress; Taipei: National Taiwan University Press, 2012. (Reflections on (In)Humanity, 4). 262 p.

*Peter Schröder\**

*Universidade Federal de Pernambuco – Brasil*

Antropólogos que escrevem livros sobre temas de importância global representam mais a exceção do que a regra. E se, além disso, há a pretensão de que os conteúdos sejam acessíveis e inteligíveis a um público maior, o número de publicações conhecidas torna-se ainda menor. Contudo, o autor do livro resenhado, Christoph Antweiler, antropólogo e professor no Departamento do Sudeste da Ásia do Instituto de Estudos Orientais e da Ásia da Universidade de Bonn, Alemanha, conseguiu realizar essa ideia de maneira exemplar. O livro não é apenas, em termos gerais, uma continuação dos trabalhos científicos de Antweiler, realizados durante duas décadas, focalizando a pesquisa de universais culturais, mas, sobretudo, de duas publicações anteriores: *Was ist den Menschen gemeinsam? Über Kultur und Kulturen* [O que é comum aos seres humanos? Sobre cultura e culturas] (Antweiler, 2007b) e *Heimat Mensch: Was uns alle verbindet* [Pátria ser humano: o que todos nós compartilhamos] (Antweiler, 2009) – ver também uma entrevista com o autor na *Revista Antropológicas* (Antweiler, 2007a). Em particular, o segundo livro, de 2009, recebeu muita atenção por parte da mídia impressa e virtual na Alemanha por causa de sua linguagem mais acessível para o público maior.

No livro em questão (originalmente publicado em alemão, em 2011) Antweiler aborda um problema que ultrapassa a pesquisa científica de universais culturais e a possibilidade de evidenciá-los. Ele está preocupado com

---

\* Contato: pschroder@uol.com.br.

a questão politicamente relevante, quais são as conclusões que podemos tirar dos universais culturais para a convivência num mundo interconectado em dimensões globais, ainda que esta questão não seja formulada em termos tão políticos como podia ter sido, já que seus aspectos normativos são difíceis de negar, como o próprio autor salienta.

O objetivo principal do livro é mostrar, com argumentos empiricamente embasados, que a diversidade cultural não é apenas alguma coisa evidentemente verificável (a atividade preferencial dos antropólogos), mas que ela não representaria nenhum impedimento para a convivência pacífica no mundo atual, porque diferenças culturais seriam comensuráveis e compatíveis. Proferir tal afirmação em qualquer conversa faz parte dos exercícios básicos para alunos de antropologia no primeiro período, porém exige sólidos conhecimentos empíricos e reflexões teóricas aprofundadas para sondar as implicações mais amplas. No entanto, Antweiler deu uma nuance instigante a seu ponto de partida: “Human beings from different cultures do not live in different worlds. They live differently in one and the same world.” (p. 11). Ou seja, uma provocação para defensores de pensamentos relativistas radicais e o contrário de visões como “o mundo em pedaços” (Geertz, 2001). Tal estilo também fica evidente em declarações como esta: “The social reality in today’s world, though, shows little concern for the scruples or doubts of the social and cultural scientists.” (p. 46). Ou, “if we want to base human rights on something realistic, then we cannot only rely on our knowledge on particularities and cultural universals but on human biology as well. If not, the more prevalent images we have of human beings remain on the level of mere assumptions or non-verifiable religious, pseudo-religious or common secular positions on ‘human nature’.” (p. 187). Um pouco *déjà-vu* para quem conhece as publicações anteriores do autor, mas ao mesmo tempo declarações que mostram que ele permaneceu fiel às próprias ideias.

Para abordar a questão do que podia constituir a unidade humana em sua diversidade cultural, Antweiler opta por evitar tanto os antigos caminhos filosóficos, especulativos e dedutivos, quanto as abordagens antropológicas anteriores, por partir de um conceito antropológico abrangente do ser humano em sua existência biótica, social e cultural. Para isso, ele lança mão de um apoio tríplice, o qual pode ser resumido, *grosso modo*, pela fórmula “humanismo + cosmopolitismo + antropologia”.

Então, não se trata de nenhum livro sobre globalização, mas, com as palavras do autor, de um meio-termo “between specific global values, on the one hand, and abstract social principles, on the other” (p. 64). “Cosmopolitismo” consta no subtítulo do livro e é discutido detalhadamente, porém é fácil perceber, mesmo ignorando o nome da série, que humanismo representa o conceito-chave, mais especificamente o conceito de um humanismo inclusivo. Este não é o ultrapassado humanismo eurocêntrico, que ainda é ensinado em alguns poucos ginásios de línguas clássicas na Europa, ou o apoio intelectual dos restos da burguesia intelectual europeia, mas a procura indutiva por valores que podiam ser comuns à humanidade, ao mesmo tempo respeitando toda a diversidade cultural. A procura por padrões éticos básicos de validade global deve ser realizada em cenários isentos de estruturas de poder e com base em conhecimentos científicos empiricamente consolidados. Ou, em outras palavras, o conceito de humanismo de Antweiler não pode ser dissociado da pesquisa empírica de universais culturais.

Além dos resultados das próprias pesquisas do autor e da literatura especializada correspondente, suas inspirações teóricas, majoritariamente não antropológicas, ficam evidentes imediatamente: o conceito habermasiano de um cosmopolitismo antropológico, os “universais incoativos” de Ricœur, os “valores morais autoevidentes” de Etzioni, mas também as obras de Kwame Appiah e Amartya Sen.

Em nove capítulos os leitores experimentam um verdadeiro *tour de force* através da literatura especializada e de textos complementares, começando com situações de primeiro contato entre representantes de sociedades radicalmente diferentes e passando por descobertas atuais sobre aspectos panculturais, questões identitárias e também a apresentação de causas possíveis de universais culturais, até finalizando com uma defesa a favor de um humanismo planetário e de universais negociados, incluindo um debate sobre direitos humanos.

As 53 páginas da bibliografia permitem adivinhar que o autor “descarregou”, no significado de ter sentido uma necessidade de colocar em papel uma grande parte dos conhecimentos acumulados durante uma carreira acadêmica. Isso já era a impressão no caso dos dois livros anteriores supracitados, mas nesse livro parecem ter intervindo motivações emocionais complementares que claramente ultrapassam constatações científicas, como pode ser visto nas palavras finais da introdução:

The first steps toward an inclusive humanism will have been made when the knowledge on cultural universals in the context of diversity has been understood, when this knowledge is combined with our knowledge of human nature and when this combination is developed in a political and long-term intercultural dialogue on explicitly understood cross-cultural values. (p. 27-28).

Antweiler não é nenhum pensador solitário em sua área, mas certamente ainda receberá muitas críticas como, por exemplo, que o teor do livro seria politicamente ingênuo, porque questões da exequibilidade pragmática de suas conclusões teriam ficado em segundo e terceiro plano. Tais críticas nem seriam totalmente injustas. De fato, no livro há mais apelos do que propostas concretas. A palavra “poder” também aparece raramente e (que maldade!) Foucault não é citado em nenhuma linha. Segundo o autor, primeiro precisam ser superadas diversas barreiras intelectuais, até explicitadas por ele, para chegar a propostas políticas concretas.

É fácil imaginar que as reações ao livro serão diferentes na antropologia brasileira e na alemã, cujo legado boasiano, no entanto, também indica preferências por enaltecer a diversidade cultural. Contudo, no contexto da União Europeia o destaque dado à diversidade cultural não é só bandeira proeminente dos Verdes e de outros partidos que se definem como de esquerda, mas também de forças reacionárias e até da extrema direita. Ou seja, as supostas incomensurabilidades interculturais também podem alimentar políticas de exclusão social, principalmente direcionadas contra migrantes. Enquanto isso, o Brasil está passando por uma fase de afirmação explícita, ao menos oficialmente, de diferenças culturais e sociais como bordão de políticas públicas. Desse modo, o livro de Antweiler representa uma provocação intelectual estimuladora, com as devidas ressalvas, para as duas tradições antropológicas.

Thomas Eriksen (2006) escreveu uma defesa enfática por uma antropologia publicamente engajada a ser percebida além dos limites estreitos da área acadêmica, sem, ainda, ter conhecido o cenário brasileiro. Christoph Antweiler foi muito bem-sucedido ao colocar em prática uma série das propostas de Eriksen, embora o livro exija, por parte dos leitores, familiaridade com a leitura de textos acadêmicos. É um livro muito bom para pensar, um livro que convida para expandir nossos pensamentos além dos horizontes conhecidos.

## Referências

ANTWEILER, C. “Focalizar o que é comum aos seres humanos”: entrevista com Christoph Antweiler sobre universais culturais. *Revista AntHropológicas*, Recife, v. 18, n. 1, p. 275-284, 2007a. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/203>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

ANTWEILER, C. *Was ist den Menschen gemeinsam?: über Kultur und Kulturen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2007b.

ANTWEILER, C. *Heimat Mensch: was uns alle verbindet*. Hamburg: Murmann, 2009.

ERIKSEN, T. H. *Engaging anthropology: the case for a public presence*. Oxford: Berg, 2006.

GEERTZ, C. O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. In: GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 191-228.